

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE LÍNGUA E LITERATURA PORTUGUESAS

Vol. XXIII

1999-2000

REVISTA PORTUGUESA

DE

FILOLOGIA



COIMBRA

CRONOLOGIA(S) DA SUBSTITUIÇÃO DA TERMINAÇÃO PARTICIPIAL *-UDO* POR *-IDO* NO PORTUGUÊS MEDIEVAL (SÉCS. XIII-XVI)(1)

Um dos fenómenos que os historiadores da língua portuguesa consideram crucial para o estabelecimento de períodos ao longo do seu devir temporal diz respeito à evolução das terminações participiais dos verbos em *-er*, do português antigo ao português moderno. No português arcaico, a terminação dos referidos participios era constituída pela vogal temática *u + do*, que cedo começou a aparecer em variação com *i + do*(2). Diferentes têm sido as propostas de explicação para a substituição de *-udo* por *-ido*(3), mas no que diz respeito à cronologia do

(1) O presente artigo dá a conhecer os resultados da pesquisa levada a cabo pela Autora para a concepção de um capítulo da sua tese de Mestrado (iné dita), elaborada no âmbito da “Intervenção Operacional *Praxis XXI*”, e apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Outubro de 1996. Cf. MARIA JOSÉ CARVALHO, *Do português arcaico ao português moderno. Contributos para uma nova proposta de periodização*. A pesquisa foi efectuada num *corpus* documental que inclui diversos géneros textuais, situados entre os fins do século XIII e princípios do século XVI, sendo apenas citadas neste artigo as fontes que se revelaram mais produtivas para o fenómeno em questão. Para uma análise mais pormenorizada veja-se, na referida tese, p. 75-102, assim como a “Bibliografia relativa a fontes documentais”, p. 162-171.

(2) Sobre a origem histórica destes participios veja-se CLARINDA DE AZEVEDO MAIA, *História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (Com referência à situação do galego moderno)*. Reimpressão da edição de 1986. Coimbra (F.C.G. e J.N.I.C.T.), 1997, p. 750, nota 1.

(3) Para José Joaquim Nunes, ter-se-á operado a influência dos participios em *-ido*, dos verbos de tema em *-i*. Cf. JOSÉ JOAQUIM NUNES,

fenómeno de substituição, os autores são unânimes em considerar que os participios em *-udo* desapareceram no século XVI(1).

Compêndio de gramática histórica portuguesa. 9ª edição. Lisboa (Clássica Editora), 1989, p. 316. O autor salienta que o verbo *vir*, embora pertencente aos verbos de tema em *-i*, «fez primitivamente o participio em *-udo*, isto é, *vêudo* ou *vũdo*, depois *veudo* (cf. fr. *venu*, ital. *venuto*), que desapareceu ante o regular *vũdo*, hoje *vindo* (...)». Acrescenta ainda que do verbo *ver* «houve o participio *veudo* (cf. fr. *vu* e ital. *veduto*), mas esse desapareceu diante de *vistus* (...) em que o *-s-* deve ter sido tomado do pretérito *visi* estando talvez por *visitus*». Cf. notas 2 e 3 da página citada. Joseph Piel advoga que «o progressivo desaparecimento de *-udo* em proveito de *-ido* deve-se (...) ao facto de a maioria dos verbos caracterizados antigamente por aquela desinência terem um pretérito em *-i*, vogal que penetrou analogicamente no participio». – Cf. JOSEPH PIEL, *A flexão verbal do português (Estudo de morfologia histórica)*. In: *Biblos. Revista da Faculdade de Letras*, vol. XX, Coimbra, 1944, p. 400. Joaquim Mattoso Câmara admite, por seu turno, duas hipóteses para a eliminação das formas em *-udo*: por um lado, «a falta de apoio estrutural no resto do verbo para a vogal *-u-* no participio»; por outro, «a homonímia com o sufixo nominal *-udo* para derivar adjetivos de substantivos, como em *sanhudo*, de *sanha*, *barbudo*, de *barba*, (...)». – Cf. JOAQUIM MATTOSO CAMARA, *História e estrutura da língua portuguesa*. 3ª edição. Rio de Janeiro (Livraria-Editora Padrão Ltda.), 1979, p. 159.

(1) Assim, Adolfo Coelho salienta: «Esses participios em *-udo*, ainda muito usados no século XV caíram em desuso no século XVI (...)». – Cf. FRANCISCO ADOLFO COELHO, *Teoria da conjugação em latim e português. (Estudo de gramática comparativa)*. Lisboa, 1870, p. 130. Também Edwin A. Williams constata que «pelo século XVI, *-ido* (...) havia inteiramente substituído *-udo*». – Cf. EDWIN A. WILLIAMS, *Do latim ao português. Fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Rio de Janeiro (Ministério da Educação e Cultura. Instituto Nacional do Livro), 1961, p. 188-189. Mais esclarecedora se afigura a conclusão de José Joaquim Nunes, para quem a terminação *-udo* desapareceu «ainda nos fins do período arcaico (...), apenas uma ou outra forma rara, como *teúdo*, *conteúdo*, *manteúdo*, *temudo*, etc., ficou persistindo, a atestar a sua existência». – Cf. JOSÉ JOAQUIM NUNES, *ob. cit.*, p. 316-317. O mesmo testemunho apresenta Said Ali: «*leer*, *creer*, *teer* (e compostos) faziam constantemente *leúdo*, *creúdo*, *teúdo*, *reteúdo*, *conteúdo*, *manteúdo* (de que ainda hoje se conservam alguns vestígios). Quanto aos outros verbos vacilava-se entre *-udo* e *-ido*». – Cf. SAID ALI, *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3ª edição melhorada e aumentada de *Lexicologia e formação de palavras e Sintaxe do português histórico* (1º Prémio Francisco Alves de 1921 e de 1927 da Academia Brasileira de

Inexistentes, todavia, quer nas gramáticas históricas, quer em outras obras de conjunto sobre história da língua portuguesa, são os dados que nos permitam traçar uma cronologia precisa para o momento da "adopção" (individual e interindividual) das inovações, ou ainda os que se prendem com a avaliação social das variantes antigas, informações valiosas sobre as circunstâncias geo-sociais da substituição.

A pesquisa efectuada por Clarinda de Azevedo Maia, baseada num *corpus* documental proveniente da primitiva área galego-portuguesa parece também confirmar o que nos é apresentado pelas gramáticas históricas(1).

Todavia, num artigo recente, a propósito do estado da língua na época do *Tratado de Tordesilhas*, a autora admite que «a cronologia da substituição de participios passados em *-udo* por formas participiais em *-ido* não deve ter sido a mesma para todos os verbos (...). As formas mais resistentes à mudança parecem ter sido os participios *teudo* e sobretudo *conteúdo*, tendo, talvez, contribuído para esse facto a sobrevivência de *conteúdo* como substantivo»(2).

Letras). Estabelecimento do texto, revisão, notas e índices pelo Prof. MAXIMIANO DE CARVALHO E SILVA. S. Paulo (Edições Melhoramentos), 1964, p. 147.

(1) Cf. CLARINDA DE AZEVEDO MAIA, *ob. cit.*, p. 749-750. A autora menciona duas ocorrências de participios em *-ido* nos séculos XIII e XIV, respectivamente, considerando-as, no entanto, completamente isoladas na documentação estudada. A nossa pesquisa revelou, todavia, que são relativamente abundantes as abonações modernas no século XIII e na região em causa. Pensamos, por isso, que a ausência das terminações modernas no *corpus* documental estudado pela Autora poderá dever-se à reduzida frequência deste tipo de participios passados na documentação notarial.

(2) Cf. IDEM, *O Tratado de Tordesilhas: algumas observações sobre o estado da língua portuguesa em finais do século XV*. Separ. de *Biblos. Revista da Faculdade de Letras*. Coimbra, vol. LXX, 1994, p. 59. Na pesquisa que empreendemos distinguimos, efectivamente, vários grupos participiais, de acordo com os fonemas que precedem a vogal temática. Todavia, parece que a nominalização do participio passado *conteúdo* é muito tardia, devendo, por esse motivo, ser encarada como consequência da sua resistência à mudança e não como causa, como propõe a Autora.

*

O resultado da análise de vários géneros textuais remanescentes revela-nos, contudo, que na área galego-portuguesa as terminações modernas eram já largamente conhecidas no início da segunda metade do século XIII, não só na corte do rei-Sábio como também em outros níveis sociolinguísticos(1). A análise de algumas composições de Afonso X revelam que essas formas faziam já parte da competência activa deste rei, que as usa, quer em contexto rimático, quer não rimático, referindo-se a episódios marcadamente líricos ou a situações obscenas:

*«quan changid' o espedir
foi o deles e chorado»(2).*

*«O colbe colheu-[a] per ãa malha
da loriga, que era desvencida;
e pesa-m'ende, por que essa ida,
de prez que ouve mais, se Deus me valha, (...)»(3)*

(1) De facto, desde muito cedo (meados do século XIII) se regista, em textos notariais privados oriundos da Galiza, a cedência da vogal temática *u* da terminação *-udo* à vogal temática *i* da terminação moderna, o que prova que uma inovação se pode verificar em qualquer nível social.

(2) Cf. AFONSO X, O SÁBIO, *Cantigas de Santa Maria*. Edição de WALTER METTMANN. Coimbra (Acta Universitatis Conimbrigensis), vol. II, 1961, p. 99. A forma *changer* significava 'prantear', 'chorar' (<PLANGĒRE, 'lamentar').

(3) Cf. RODRIGUES LAPA, *Cantigas de escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*. 2ª edição. Vigo (Editorial Galaxia), 1970, p. 46, nº 25, l. 9 (CBN 495; CV 78). É interessante constatar que a terminação *-ido* nos verbos em *-er*, não só era conhecida e usada por Afonso X mas também por alguns trovadores, nomeadamente por Pero da Ponte, um dos mais importantes trovadores dos Cancioneiros, incorporado desde muito cedo no ambiente cortesão. É isso que revela a forma *fodidos*, numa composição de escárnio sua, em linguagem grosseira. Ver página 508 da obra citada, nº 342, l. 2 (CBN 1626; CV 1160). A propósito dessa terminação, afirma Rodrigues Lapa na nota 1 da mesma página: «A analogia dos verbos em *i*, teria sido provocada pela malsonância das três vogais em *iu*».

Ao serviço de uma necessidade rimática encontra-se também um participípio inovador numa cantiga do trovador galego Pai Gomez Charinho:

«*¡ Ay Santiago, padrón sabido,
uós mh'adugades o meu amigo!*»(1)

Foi o mesmo tipo de conveniência, ou o simples desejo de inovar, que levou Estêvan da Guarda, o mesmo trovador que ousou utilizar *tragaes* (em vez de *tragades*, como seria de esperar)(2), a escolher *espargido*, na primeira metade do século XIV:

«*non faz mester e en hõa razon,
d'ir entençar come torp'e avorrido
nen te loares coma quen s'engana,
e de palavras torpes e d'oufana
e de posfaço seer espargido*»(3)

Importantes centros geográficos difusores de inovações foram, indubitavelmente, regiões próximas do reino de Leão: uma análise atenta das formas participiais em estudo na documentação privada da província galega de Lugo, ou ainda

(1) Cf. A. COTARELO VALLEDOR, *Cancionero de Payo Gómez Chariño, almirante y poeta (siglo XIII)*. Madrid, 1934 (Edição facsimilada, com prólogo e apêndices de E. Monteagudo Romero. Santiago de Compostela, Xunta de Galicia, 1984), p. 263, nº XXIV (CV 429; CBN 843). Tendo em conta que este trovador aparece como almirante do mar a partir de 1284, é muito provável que esta composição tenha sido elaborada nessa fase da sua vida, altura em que o mar começa a ocupar um lugar de relevo na sua produção poética. Cf. GIUSEPPE TAVANI e GIULIA LANCIANI (org. e coord.), *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa (Editora Caminho), 1993, p. 503, s. u. "Pai Gomez Charinho".

(2) Sobre a síncope de *-d-* no morfema número-pessoal da 2ª pessoa do plural, veja-se, da Autora, *O morfema -des na história da língua portuguesa: uma abordagem segundo a metodologia da Sociolinguística histórica*. In: *Actes du XXIF Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes (23-29 juillet 1998)*, vol. II. Tübingen (Max Niemeyer Verlag), 2000, p. 65-74.

(3) Cf. RODRIGUES LAPA, *ob. cit.*, p. 175, nº 109 (CBN 1309; CV 914). Saliente-se que Estêvan da Guarda foi escrivão de D. Dinis, tendo adquirido grande ascendente na sua corte.

no código foral de Castelo Rodrigo, eventualmente também sob a influência da área leonesa, conduzem a esta conclusão. Analisemos, portanto, a tabela da cronologia das inovações registadas(1):

Tabela nº 1 – Cronologia dos participios em *-ido*
em fontes (datadas) do séc. XIII(2)

Ano	Local	Frequência	Formas
1254	Lugo	2 oc = 100 %	<i>conocida; stablicido</i>
1256	Lugo	1 oc = 50 %	<i>conocida; sabudo</i>
1259	Lugo	1 oc = 100 %	<i>conozida</i>
1259	Lugo	1 oc = 100 %	<i>conozida</i>
1259	Lugo	1 oc = 100 %	<i>conozida</i>
1274	Lugo	1 oc = 33 %	<i>recebido ~ recebudo; teudo</i>
1274	Beira Alta	1 oc = 100 %	<i>conocida</i>
1275	A Coruña	1 oc = 50 %	<i>uendida; conoçuda</i>
1277	Lugo	1 oc = 50 %	<i>conozuda; aujdo</i>
1292	Ourense	1 oc = 33 %	<i>conocida; tjudos ~ tiudo</i>
1296	Coimbra	1 oc = 50 %	<i>auijdo; conteũdas</i>
1303	Santarém	1 oc = 50 %	<i>deuidos; perleuda</i>

(1) Relativamente aos documentos oriundos de Lugo, ver MARGOT SPONER, *Documentos antiguos de Galicia*. In: *Anuari de l'Oficina Romànica de Lingüística i Literatura*, vol. VII, 1934, p. 113-192; o da Beira Alta foi colhido em PEDRO DE AZEVEDO, *Documentos antigos da Beira (Cartório de Ferreira de Aves)*. In: *Revista Lusitana*. Lisboa, vol. VIII, 1903-1905, p. 42, doc. 6. Quanto ao de A Coruña, veja-se JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, *Textos arcaicos*. 5ª edição. Lisboa (Livraria Clássica Editora), 1970, p. 107. O de Ourense está transcrito em CLARINDA DE AZEVEDO MAIA, *História do galego-português (...)*, atrás citada, p. 140, doc. 59. O documento redigido em Coimbra é uma carta régia, de D. Dinis, e foi publicada por SAUL ANTÓNIO GOMES em *Documentos medievais de Santa Cruz de Coimbra. I – Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Separ. de Estudos Medievais*. Porto (Centro de Estudos Humanísticos. Secretaria de Estado da Cultura. Delegação Regional do Norte), 1988, p. 97, doc. 25. O documento de Santarém foi publicado por PEDRO DE AZEVEDO em *O trovador Martim Soárez e sua família*. In: *Revista Lusitana*, vol. XXI, 1918, p. 251. Uma análise das formas que contêm inovações revela que elas se registam, na maioria dos casos, na forma *conocida*, que faz parte de uma expressão de notificação típica dos formulários jurídicos («*Conocida cousa seya*»), eventualmente por ser a forma participial mais recorrente neste tipo de documentação. Este modo de notificar existiu também no provençal: «*Conoguda causa sia*», no francês: «*Connue chose soit*», e no castelhano: «*Connosçuda cosa sea*».

(2) Excepcionalmente, incluímos um documento de inícios do século XIV.

Quanto aos foros de Castelo Rodrigo, é curioso constatar que *-udo* só aparece uma vez; todos os outros verbos em *-er* apresentam os participios em *-ido*, ou seja, cerca de 94% das formas participiais presentes nessa colecção: *caydo*; *connoscido*, *-a*; *creydo*(1), *merescido*, *-a*; *merecido*, 2 v.; *nascido*; *pascida*; *perdido* e *uencido*, 4 v.

Trata-se de um estado linguístico surpreendentemente inovador e insólito, sobretudo se tivermos em conta que «os participios em *-udo* (...) aparecem com bastante frequência nos grupos I e II, leonês oriental e centro-occidental, que Staaff formou com os documentos da sua colectânea (...)», e que «nas cantigas de D. Dinis, contemporâneas dos foros, ou pouco posteriores, os participios de verbos em *-er* apresentam sempre a terminação *-udo*»(2).

(1) Trata-se de um exemplo curiosíssimo e único, na medida em que as formas participiais de verbos como *teer*, *creer*, *veer*, *leer*, etc. permaneceram até aos fins do século XV, princípios do século XVI, praticamente inalteradas. Algumas formas compostas ficaram mesmo fossilizadas, algumas delas mantendo ainda a sua vitalidade.

(2) Cf. LUÍS F. LINDLEY CINTRA, *A linguagem dos foros de Castelo Rodrigo. Seu confronto com a dos foros de Alfaiates, Castelo Bom, Castelo Melhor, Coria, Cáceres e Usagre. Contribuição para o estudo do leonês e do galego-português do século XIII*. Lisboa (Publicações do Centro de Estudos Filológicos), 1959, p. 436. O estado linguístico dos documentos em causa parece, contudo, confirmar o que a esse respeito diz Paul Lloyd, a propósito da língua castelhana. Afirma o autor que a terminação *-udo* cedo desapareceu nos textos, nunca chegando a ser muito popular; sublinha também que nas mesmas linhas em que o *Fuero de Avilés* contém *mouuda*, *uenzudo*, *cognozudo*, *esmoludo*, etc., no *Fuero de Oviedo* regista-se: *mouyda*, *uencido*, *connoscido*, *molido*. O autor acrescenta que o número de participios em *-udo* em espanhol e em português no século XIII era bastante reduzido, devendo-se a sua vitalidade no final do mesmo século, eventualmente à intensificação do contacto com os dialectos transpirenaicos; logo após o enfraquecimento das relações culturais com a Gália, a terminação *-udo* entrou num rápido e irreversível declínio nas línguas ibero-românicas. Cf. PAUL LLOYD, *From Latin to Spanish*. Vol. I: *Historical Phonology and Morphology of the Spanish Language*. Memoirs of the American Philosophical Society, vol. 173. Philadelphia, 1987, p. 313.

*

A cedência da vogal temática *u* à vogal *i* nas terminações participiais em análise encontra-se também documentada em textos literários em prosa, sejam eles de carácter técnico, cronístico ou religioso. Na versão portuguesa do compêndio de direito processual *Flores de Dereyto*(1) (1273-1282), registam-se três formas participiais modernas: *defendidos*, *metido* e *recebidas*, o que perfaz cerca de 5%(2). O número de ocorrências com a terminação *-ido* aumenta para 10 % na tradução galega da *Crónica General* e da *Crónica de Castilla*(3), mas a situação linguística da versão galega da *General Estoria*(4), pouco posterior (primeiro terço do século XIV), revela-se bastante mais inovadora(5), como mostra o gráfico seguinte:

(1) Cf. JACOB DE JUNTA, *Flores de Dereyto*. Edição (segundo o códice nº 4 do maço 6º de *Forais Antigos* do Arquivo Nacional da Torre do Tombo), estudo e glossário por JOSÉ DE AZEVEDO FERREIRA. Braga (Universidade do Minho), 1989.

(2) Esta percentagem é superior à que foi encontrada na *Primeyra Partida* (provavelmente do início do século seguinte), que apenas apresenta a forma de tipo moderno *escaydo*, o que representa cerca de 1,6%. Cf. JOSÉ DE AZEVEDO FERREIRA, *Alphonse X, Primeyra Partida. Édition et étude*. Braga (Instituto Nacional de Investigação Científica), 1980, p. XL.

(3) RAMÓN LORENZO, *La traducción gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla*. Edición crítica anotada, con introducción, índice onomástico y glosario. 2 vols. Orense (Instituto de Estudios Orensanos "Padre Feijoo"), 1975 e 1977.

(4) *General Estoria. Versión gallega del siglo XIV. Ms. O.I.I. del Escorial*. Edición, introducción lingüística, notas y vocabulario de RAMÓN MARTÍNEZ-LÓPEZ. Publicaciones de *Archivum*. Oviedo (Universidad de Oviedo. Facultad de Filosofía y Letras), 1963.

(5) Nos participios da versão da *Crónica Troyana*, terminada em A Coruña em 1373, alternam as terminações arcaicas e modernas. Saliente-se que intervieram na cópia do manuscrito Fernán Martís e outros amanuenses a ele subordinados. A vacilação é mais acentuada na porção atribuída a Fernán Martís, uma vez que os escribas, procedentes das diferentes zonas dialectais galegas, muito raramente empregam as terminações participiais modernas. Ramón Lorenzo agrupa os verbos em três tipos: os que só têm o participio com a terminação *-ido*, os que só apresentam o participio em *-udo* e os que exibem uma alternância entre as duas formas. Os dois últimos grupos são mais vastos que o primeiro, parecendo evidente, no seu conjunto, o predomínio das

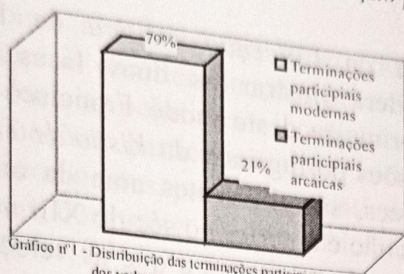


Gráfico nº 1 - Distribuição das terminações participiais dos verbos em -er. na *General Estoria*.

É possível que tenha havido uma interrupção no fólio 45, que poderá atribuir-se a uma mudança de mão. De facto, uma análise atenta desta obra revela que cerca de metade das formas em *-udo* concentram-se nos 45 fólios iniciais, distribuindo-se a outra metade pela vasta porção que vai até ao final (fólio 153)(1). A mesma rivalidade entre *-uda* e *-ida* regista-se nos dois fólios remanescentes da versão galego-portuguesa do *Livro de Tristán*(2), já do 3º quartel do século XIV: *atreuidamente* e *conocuda*.

É muito provável que em finais do século XIV a maioria dos verbos em *-er* já tivesse os seus participios em *-ido* implementados na estrutura da língua(3).

Uma análise das duas versões da *Visão de Tündalo*, uma contida no códice alcobacense CCXLIV(4) e outra no

formas arcaicas. Cf. RAMÓN LORENZO, *Crónica Troyana*. "Colección Documentos Históricas", disposta pola Real Academia Gallega. A Coruña (Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa), 1985, p. 95-98 e 136-137. Tal situação linguística não deixa de se revelar bastante arcaica se a compararmos com a da versão da *General Estoria*, confeccionada muito antes.

(1) As terminações arcaicas repartem-se pelos participios de todo o tipo de verbos: *conoscer*, *entender*, *perder*, *tecer*, *tanger*, *vender*, *atreber/atrever*, *lamber*, *saber*, *temer*, *crer*, *ler* e *ter*.

(2) J. L. PENSADO TOMÉ, *Fragmento de un Livro de Tristán galaico-portugués*. Edición y estudio. Anejo XIV de *Cuadernos de Estudios Gallegos*. Santiago de Compostela, 1962.

(3) Na língua espanhola as formas em *-udo* estariam virtualmente extintas em finais do século XIV. Cf. MANUEL ALVAR e BERNARD POTTIER, *Morfología histórica del español*. Madrid (Editorial Gredos), 1983, p. 283.

(4) FRANCISCO MARIA ESTEVES PEREIRA, *Visão de Tündalo*. In: *Revista Lusitana*, vol. III, 1895, p. 97-120.

códice CCLXVI da *Colecção mística* de Fr. Hilário da Lourinhã(1), poderá ilustrar as duas fases linguísticas já delimitadas. Exprime-se deste modo Francisco Maria Esteves Pereira: «As versões portuguesas da *Visão de Túndalo*, contida nestes dois códices, são diferentes uma da outra (...) mas a linguagem destas não é anterior ao século XIII nem posterior ao século XV, inclinando-nos antes a que as versões foram feitas pelos fins do século XIV, ou princípios do XV»(2). Ora, comparando os gráficos seguintes, é evidente que a camada linguística do códice CCXLIV, no que concerne este fenómeno, é muito anterior à do CCLXVI, eventualmente ainda a do 1º ou 2º quartéis do século XIV:

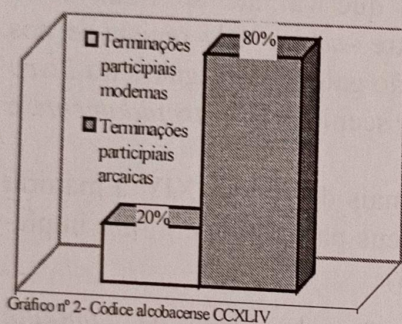


Gráfico nº 2- Códice alcobacense CCXLIV

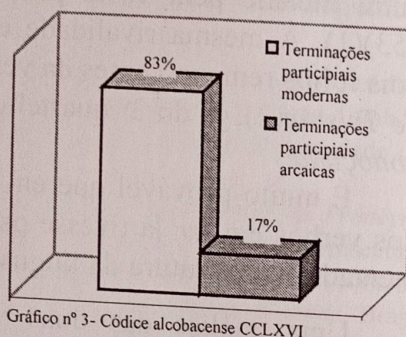


Gráfico nº 3- Códice alcobacense CCLXVI

É também a partir de finais do século XIV que começa a poder constatar-se que as terminações arcaicas que vão persistindo nos textos pertencem, de um modo geral, a determinado tipo de verbos. Assim, enquanto que as formas participiais arcaicas de verbos com fonemas dorsoalveolares, vibrantes, laterais, palatais e dentais começam a

(1) PATRÍCIA VILAVERDE GONÇALVES, *Visão de Túndalo*. In: *Vidas de santos de um manuscrito alcobacense (Colecção mística de Fr. Hilário da Lourinhã, cod. alc. CCLXVI/A.N.T.T., ms. da livraria 2274)*. Edição dirigida por IVO CASTRO. Lisboa (Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de Estudos Geográficos), 1985. p. 38-52.

(2) F. M. ESTEVES PEREIRA, *ob. cit.*, p. 101.

ser sentidas como arcaísmos ao longo do século XV(1), as formas participiais com terminações precedidas de fonemas fricativos labiodentais, oclusivos e contínuos bilabiais(2), ou ainda as terminações participiais dos verbos *creer*, *leer*, *teer*, *veer* e seus compostos, pareciam resistir à evolução(3).

Atribuiremos, doravante, a estes participios os **grupos 1, 2 e 3**, respectivamente.

As terminações em *-udo* encontradas no *Tratado de S. Isidoro*(4) preenchem 25%, parecendo confirmar a teoria que

(1) Excepcionalmente, a documentação das zonas setentrional e centro-meridional apresenta uma hesitação, que se regista até meados do século XV, no participio do verbo *tanger*, por se tratar de uma forma que aparece sistematicamente numa expressão jurídica: «per campaa *tanjuda*» ou «Santos Evangelhos corporalmente *tangudos*». Para a área centro-meridional, e na falta de edições feitas com critérios linguísticos, servimo-nos da colecção *Descobrimientos portugueses. Documentos para a sua história*. Publicados e prefaciados por JOÃO MARTINS DA SILVA MARQUES e ALBERTO IRIA. Lisboa (Instituto Nacional de Investigação Científica). Vol. I (1147-1460) e supl. ao vol. I (1057-1460), 1988. Algumas obras literárias continuam também a apresentar, até meados do século XV, oscilação em participios com fonema fricativo palatal sonoro (/ʒ/) ou, talvez mais frequente, fonema dental (/d/ e /t/). O exemplo mais frequente é o da variação *ascondudamente* ~ *ascondidamente*.

(2) A inércia linguística registada na terminação *-udo* precedida de fonemas labiais, em geral, deve-se, em princípio, à incompatibilidade articulatória de tais fonemas com o fonema /i/ da vogal temática. De facto, o arredondamento dos lábios que acompanha a articulação destas consoantes mais facilmente se prolongaria na realização do fonema vocálico labiovelarizado /u/.

(3) Essa assimetria de ritmos evolutivos é também evidente na documentação notarial particular e eclesiástica. Um exemplo dessa cronologia diferenciada segundo o tipo de verbo pode colher-se em documentos dos últimos anos do século XIV, em AVELINO DE JESUS DA COSTA, *O bispo D. Pedro e a organização da diocese de Braga*. 2 vols. Coimbra (Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos), 1959. Veja-se vol. II, p. 468-472: *requerid(o)/requirido*, 4 v.; no entanto, o participio de *aver* é *auudo*.

(4) PEDRO DE AZEVEDO, *Tratado de S. Isidoro do ajuntamento de bons ditos e palavras*. In: *Revista Lusitana*, vol. XVI, 1913. Diz-nos o editor que este texto «pertence ao séc. XIV, tanto pela letra como pela ortografia». Cf. p. 101 da obra citada.

acabámos de apresentar: *auudo* e *percebudo*. No códice alcobacense 328/44 B.N.L. da *Regra de S. Bento*, de finais do século XIV, princípios do século XV(1), as formas em *-udo* ocupam apenas 31%. Vale a pena, no entanto, atentarmos na distribuição das ocorrências dessas terminações:

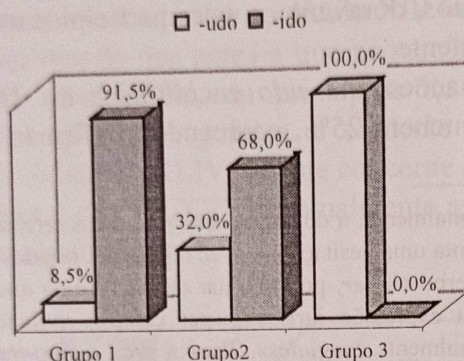


Gráfico nº 4 - Distribuição das ocorrências participiais na *Regra de S. Bento* (cód. alc.328/44BNL).

A *Vida do Duque Antíoco*(2), que é, segundo Pedro de Azevedo, do séc. XIV, e cuja linguagem é, segundo José Joaquim Nunes, semelhante à do séc. XIV, princípios do XV, apenas apresenta a forma antiga *creuda* (que permaneceu nos textos até mais tarde), o que representa uma percentagem de 17%.

*

Ao contrário do que se tem afirmado em algumas gramáticas históricas(3), a terminação *-udo* começa a cair em desuso a partir dos começos do século XV, persistindo apenas as formas participiais arcaicas dos **grupos 2 e 3**, cujos verbos são em menor número. Um percurso pela literatura religiosa mostra uma evolução notável relativamente ao apagamento das

(1) JOSÉ JOAQUIM NUNES, *Regra de S. Bento*, in: *Textos antigos portugueses*. In: *Revista Lusitana*, vol. XXI, 1918. Ver o que se diz na página 91, sobre a sua datação.

(2) IDEM, *Vida do Duque Antíoco*, in: *Textos antigos portugueses*. In: *Revista Lusitana*, vol. XIX, 1916.

(3) ADOLFO COELHO, *ob. cit.*, p. 130.

terminações antigas. Na tabela seguinte, apresentam-se as formas participiais em *-udo* que se encontram em algumas obras quatrocentistas de carácter religioso e moralístico:

Tabela nº 2 – Participios em *-udo* em algumas obras de carácter religioso ou moralístico do século XV

Título da obra	Participios
<i>Morte de S. Jerónimo</i> (1)	<i>teudos, contúdo(s)</i> , 2 v. e <i>creudo</i> (Total = 57 %)
<i>Vida do cativo monge</i> <i>Livro de solilóquio de</i> <i>S^{to} Agostinho</i> (2) (1 ^o quartel do séc. XV)	<i>vençudos</i> (4) (Total = 50 %) <i>ascondidamête</i> , 2 v. <i>rejudas, tanjudo,</i> <i>percebudo, mãtheudo/a(s)</i> , 3 v. <i>theudo</i> (s), 3 v., <i>sosteúdo/a(s)</i> , 2 v. (Total = 25 %)
<i>Vida de Santo Aleixo</i> (cód. 266) <i>Fabulário português</i> <i>Imitação de Cristo</i> (3)	<i>trajuda</i> (5) (Total = 17 %) <i>vençudo</i> (6) <i>theudos</i>

(1) JOSÉ MANUEL FEIO, *Morte de S. Jerónimo*. In: *Vidas de santos de um manuscrito alcobacense*. (Colecção mística de Fr. Hilário da Lourinhã, cod. alc. CCLXVI/A.N.T.T., ms. da livraria 2274). Edição dirigida por IVO CASTRO. Lisboa (Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de Estudos Geográficos), 1985, p. 30-37.

(2) *Livro de solilóquio de Sancto Agostinho*. Edição crítica e glossário de MARIA ADELAIDE VALLE CINTRA. Lisboa (Centro de Estudos Filológicos), 1957.

(3) Cf. ISABEL VILARES CEPEDA, *A linguagem da "Imitação de Cristo"*. (Versão portuguesa de Frei João Álvares). Lisboa (Centro de Estudos Filológicos), 1962, p. 82.

(4) Abílio Roseira considera esta forma um elemento morfológico arcaico. Cf. ABÍLIO ROSEIRA, *Vida do cativo monge confesso*. In: *Boletim de Filologia*. Lisboa (Centro de Estudos Filológicos), tomo I, 1932, p. 48-49.

(5) Sobre *Vida de Santo Aleixo*, cujas cópias estão contidas nos códices 36 e 266 (a primeira de meados do séc. XV, a segunda da mesma época ou pouco antes), informa F. M. Esteves Pereira: «(...) cada copista parece ter introduzido diferentes modificações segundo a linguagem da terra da sua naturalidade». – Cf. FRANCISCO MARIA ESTEVES PEREIRA, *Vida de S. Aleixo*. In: *Revista Lusitana*, vol. I, 1887-1888, p. 333. Efectivamente, verifica-se que no códice 36 todas as formas apresentam a terminação *-ido(a)*, ao passo que o códice nº 266 oferece a variante *trajuda*.

(6) Segundo J. Leite de Vasconcelos «O part. pret. é uma vez em *-udo*: *vençudo*, LXI, 50, a par de *vencido* e de outros muitos exemplos em *-ido*». –

As obras de D. Duarte evidenciam, de forma inequívoca, que a terminação *-udo* se restringia, nesta altura, a um número reduzido de verbos. No *Leal Conselheiro* «the past participle in *-udo* in the manuscript is reserved to *creer* and *teer* and its compounds. It occurs ten times»(1), e no *Livro da ensinança de bem cavalgar* sobrevive apenas nos participípios dos verbos *temer* e *teer*: *tymudo*(2), ‘temido’ e *theudo*, ‘moralmente obrigado’, o primeiro com alguma vitalidade no português contemporâneo. Curiosamente, registam-se ainda nesta obra três ocorrências em *-uda*, num primitivo participípio que sofreu um processo de conversão nominal: *corruda(s)*, 3 v., devendo-se, eventualmente, tal fenómeno à necessidade de distinção entre o participípio (cuja terminação em *-ido* já estava consumada) e o nome dele oriundo.

Em *Vida e feitos de Júlio César*(3) concorrem já as variantes *avudos* ~ *avidos*, *sabudo* ~ *sabido*, para além de se registar a variação *sofrudo* ~ *sofrido* e *movudo* ~ *movido*, todos eles do segundo grupo participial já delimitado(4).

Cf. JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, *Fabulário português*. In: *Revista Lusitana*, vol. IX, p. 54.

(1) Cf. HAROLD RUSSO, *Morphology and Syntax of the "Leal Conselheiro"*. Philadelphia (University of Pennsylvania), 1942, p. 19.

(2) Diz-nos o editor em nota que o manuscrito apresenta a forma *tymodo*. Cf. *Livro da ensinança de bem cavalgar toda sela que fez El-Rey Dom Eduarte de Portugal e do Algarve e Senhor de Ceuta*. Edição crítica e anotada organizada por J. PIEL. Lisboa (Livraria Bertrand), 1944, p. 9, l. 19 e nota da mesma página.

(3) MARIA HELENA MIRA MATEUS, *Vida e feitos de Júlio César*. Edição crítica da tradução portuguesa quatrocentista de *Li fet des romains*. 2 vols. Lisboa (Fundação Calouste Gulbenkian), 1970.

(4) É curioso constatar que o advérbio *atrevudamente* e o participípio *devuda* (com fonema fricativo labiodental a preceder a terminação) nunca exibem, nesta obra, a variante moderna, enquanto que o participípio *recebido(s)* surge sempre na forma actual. Tal facto permite constatar que o fonema lábio-dental /v/ ofereceu muito mais inércia ao desenvolvimento da vogal palatal fechada na terminação participial do que o fonema /b/.

*

De um modo geral, nas crónicas de Fernão Lopes mantêm-se os participios em *-udo* dos verbos *creer, leer, teer* (ou *crer, ler, ter*) e seus compostos, assim como os que possuem um fonema fricativo labiodental ou bilabial a preceder a terminação, neste último caso apresentando-se em variação com os participios modernos. É muito provável que algumas formas participiais já soassem a Fernão Lopes como arcaicas e tenham sido por ele seleccionadas como instrumento ao serviço da exteriorização de uma atitude subjectiva que tende à pejoratividade e à depreciação(1).

Assim, na *Crónica de D. Fernando*(2), para além das formas participiais arcaicas dos verbos *creer, teer* (e seus compostos), e de uma reduzida percentagem de participios em *-udo* dos verbos do **grupo 2** (28%), subsistem três terminações antigas precedidas de fonema dental (**grupo 1**): *ardudas, escondudamente* e *perduda*. Tais sobrevivências, que correspondem apenas a 2% no âmbito do grupo de que fazem parte, surgem sempre no discurso do cronista e mais não são do que vestígios de um fenómeno que praticamente já tinha desaparecido na oralidade. Parece ser na *Crónica de D. João I*(3) que se revela a

(1) Também relativamente a outras variáveis morfológicas já foi proposta uma hipótese semelhante. Veja-se o que se diz relativamente ao morfema *-des* na *Crónica de D. João I* de Fernão Lopes, no artigo da Autora, atrás citado: *O morfema "-des" na história da língua portuguesa (...)*.

(2) *Cronica de D. Fernando* [Fernão Lopes]. Edição crítica por GIULIANO MACCHI. Lisboa (Imprensa Nacional – Casa da Moeda), 1975.

(3) *Cronica del Rei Dom Joham I de boa memoria e dos Reis de Portugal o decimo*. Parte primeira escrita por FERNÃO LOPES. Reprodução facsimilada da edição do Arquivo Histórico Português (1915) preparada por ANSELMO BRAAMCAMP FREIRE. Prefácio de LUÍS F. LINDLEY CINTRA. Lisboa (Imprensa Nacional – Casa da Moeda), 1977; *Crónica del Rei Dom Joham I de boa memoria e dos reis de Portugal o decimo*. Parte segunda escrita por FERNÃO LOPES e agora copiada fielmente dos melhores manuscritos por W. J. ENTWISTLE. Lisboa (Imprensa Nacional – Casa da Moeda), 1968.

consciência (socio)linguística do cronista, uma vez que nela abundam as cenas que permitem marcar situacionalmente o discurso das personagens.

Na parte I da *Crónica de D. João I* perduram os participios em *-udo* dos verbos do **grupo 2**: *aver, dever, mover, receber e saber*(1), bem como do **grupo 3**: *creer, leer, teer* e seus compostos, registando-se apenas três casos isolados de participios do **grupo 1**. Confronte-se, assim, a sua frequência de acordo com a tipologia já apresentada:

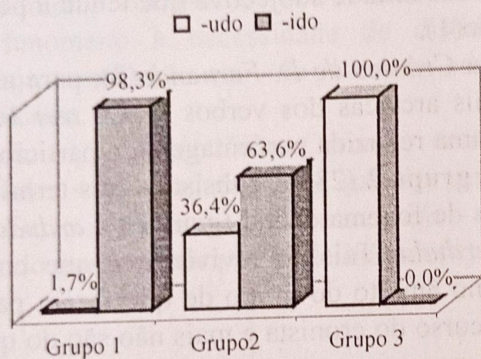


Gráfico nº 5 - Distribuição das ocorrências participiais na *Crónica de D. João I*, parte I.

As terminações arcaicas dos participios do **grupo 1** encontram-se sempre precedidas de fonema dental: *fodudo, metudos e vemdudo*. Curiosamente, duas formas participiais ocorrem em discursos de personagens que, para além de serem castelhanas, inspiram antipatia ao cronista e ao leitor.

Detenhamo-nos, por isso, nessas passagens.

(1) É importante referir que 85% das formas em *-udo* deste grupo participial correspondem às formas *avudo, -a, -os, -as* e *sabudo, -a, -os, -as*, ou seja, formas participiais com fonema /a/ na sílaba pretónica, mas na obra do rei D. Duarte, esses participios surgem, sistematicamente, na variante moderna.

No primeiro caso, a forma *fodudo* situa-se numa fala de Fernão Gonçalves, alcaide da vila de Portel (que era a favor de Castela), e «o mais saboroso homem que em Portugal avia, e mui sollto em suas pallavras»; é, no entanto, obrigado a ir para Castela e a abandonar o castelo de Portel a favor de Nun'Álvares, dizendo a sua mulher:

«*amdaae per aqui, boa dona, e hiremos balhando, vos e eu, a ssoom destas trombas: vos por maa puta velha, e eu por villaño fodudo no cuu ca assi quisestes vos*»(1).

A outra forma participial situa-se numa intervenção da rainha D. Leonor, a propósito do Mestre:

«*E fallamdo aquella hora nos feitos do Meestre, disse: Oo Meestre! Mestre! como amdas vemdudo e não o sabes!*»(2).

Ora, sabendo que se trata de uma personagem que inspira antipatia ao cronista, cremos que poderá esboçar-se aqui uma intencionalidade do autor, que se serviu da terminação participial arcaica, eventualmente como «recurso para imitar la fable vieja»(3).

No texto da parte II são arcaicos os participios dos verbos do **grupo 2**: *atrever*, *aver*, *dever* e *saber*(4), assim como do **grupo 3**: *crer*, *prover* (composto de *ver*) e *ter* (e seus compostos), registando-se uma significativa evolução nas formas do

(1) *Cronica del Rei Dom Joham I (...)* [Parte I], atrás citada, p. 297-298.

(2) *Crónica del Rei Dom Joham I (...)* [Parte II], atrás citada, p. 337.

(3) MANUEL ALVAR e BERNARD POTTIER, *ob. cit.*, p. 283.

(4) Cf. nota I da página anterior. Também na parte II os participios *avudo(a)*, *-os(as)* e *sabudo(a)*, *-os(-as)* ocupam 82% das formas deste grupo participial.

grupo 2 e algumas inovações do grupo 3. Atentemos, assim, no seguinte gráfico:

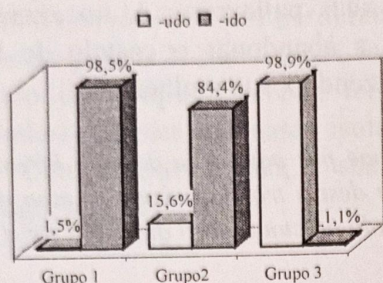


Gráfico nº 6 - Distribuição das ocorrências participiais na *Crónica de D. João I*, parte II.

Contam-se apenas quatro ocorrências arcaicas de participios do **grupo 1**: *perduda*, 2 v., *perdudo* e *veençudo*. Apenas a segunda ocorrência de *perduda* pertence ao narrador, atribuindo-se as restantes a duas personagens castelhanas: D. João Afonso Telo, irmão da rainha D. Leonor, e o rei de Castela. O irmão da rainha não pode ter fugido ao olhar censurador do cronista, uma vez que lhe merece pouca credibilidade(1). Na passagem seguinte, esta personagem insiste em convencer o rei de Castela a travar batalha com o Mestre:

«Digo-uos, senhor, que *veençudo* este homeem e desbaratado, nem nunca majs leuamtara cabeça, e leixar-uos-ha o reyno desembargado (...)»(2)

Parece insólita esta ocorrência, tendo em conta que nesta parte da *Crónica* se regista quase meia centena de participios do verbo *vencer* (inclusivamente no próprio discurso desta personagem), sempre na variante de tipo moderno. Ocultar-se-á,

(1) Para isso deverá ter contribuído a hesitação política que o levou a, sucessivamente, tomar partido pela irmã e pelo Mestre, aliando-se, por fim, ao rei de Castela.

(2) *Crónica del rei D. Joham I (...)*, [Parte Segunda], atrás citada, p. 79-80.

nagem), sempre na variante de tipo moderno. Ocultar-se-á, assim, na linguagem a emotividade do cronista, que tende a mostrar, pela depreciação, o carácter absurdo do conselho dado ao rei? Numa cena mais caricata, o rei de Castela, derrotado na batalha, volta a mostrar sinais de fraqueza:

«Se Castella fora **perduda** e os meus vassallos ficaram, eu emtendera cobrar com elles toda Castella e Portugal. Mas pois que todos meus fidalgos sam mortos, eu hey **perdudo** de todo Portugal, e Castella posta em aventura (...)»(1).

Tendo em consideração que a generalidade das formas participiais em *-udo* do primeiro grupo que analisámos ocorrem no discurso de personagens castelhanas, parece pertinente questionar se constituirão recursos para as marcar negativamente, pois sabemos que as formas em *-udo* desde muito cedo desapareceram da língua castelhana(2). Assim, poderá revelar-se consistente concluir pela mestria de um autor que, nascido sob a égide de uma revolução social e linguística, e consciente do evoluir da língua e da estigmatização social de determinados fenómenos que a acompanham, deles se serviu para camuflar a sua antipatia relativamente a algumas figuras.

*

A consciência linguística que se entrevê nas crónicas do Cronista do Povo deixa de existir na *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses* de Zurara, onde apenas persistem as formas arcaicas de *creer*, *teer* e seus compostos, o que poderá atestar uma evolução significativa do 2º para o 3º quartéis do século XV.

Do que parece não haver dúvida é que os participios passados antigos, seja qual for o grupo a que pertençam, já

(1) *Ibidem*, p. 101.

(2) Cf. PAUL LLOYD, *ob. cit.*, p. 368.

soariam de forma estranha a um falante do último quartel do século XV(1).

Talvez por isso, e porque se cumpriria simultaneamente uma função rimática, tenha sido utilizada uma forma em *-uda*, (singular no *Cancioneiro Geral*) por Fernão da Silveira (o Coudel-mor), «amigo de arcaísmos», como sublinha Evanildo Bechara(2):

«ca u s'ele descobrir,
qual seraa tam sofruda
que lhe logo nam acuda
e lhe dê quanto pedir?»(3)

*

A atitude subjectiva que Fernão Lopes parece ter demonstrado na apresentação de algumas personagens adquire contornos mais definidos numa peça de Gil Vicente. Na farsa *O juiz da Beira* (1525 ou 1526) encontra-se ainda a forma *creçudo*, colocada pelo dramaturgo na boca de uma camponesa

(1) De facto, no *Cancioneiro Geral*, à excepção do caso isolado citado no nosso texto, todos os participios dos verbos dos **grupos 2 e 3** são já os de tipo moderno. Saliente-se que o *Tratado de Tordesilhas*, redigido em 1494, apresenta a expressão jurídica «*auudos* e por *auer*» competindo com «*auidos* e por *auer*» (cf. CLARINDA DE AZEVEDO MAIA, *O Tratado de Tordesilhas* (...), atrás citado, p. 59), devendo-se esta vacilação ao facto de se tratar de uma expressão formular dos documentos, onde as inovações tardam a aparecer.

(2) Cf. EVANILDO BECHARA, *As fases da língua portuguesa escrita*. In: *Actes du XVIII^e Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*, vol. III, Tübingen (Max Niemeyer Verlag), 1991, p. 72.

(3) *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*. Fixação do texto e estudo por AIDA FERNANDA DIAS. Lisboa (Imprensa Nacional – Casa da Moeda). 5 vols., 1990-1998. Veja-se vol. I, p. 170.

que pede ao pseudo-juíz Pero Afonso, justiça para a sua filha, que fora violada:

«foram ambos a mondar
e o trigo era creçudo
e foy-s'ella»(1).

Também aqui a caracterização não é neutra: trata-se de transpor para o palco um espaço vivencial (linguístico e ideológico), que não é o do público quinhentista ligado à Corte mas o de uma camada sócio-cultural oriunda de um espaço (a Beira Alta) onde sopram mais tarde os ventos da modernidade.

Segundo Paul Teyssier encontra-se também um participio passado em *-udo*, de um verbo da 1ª conjugação, no *Auto pastoril castelhano*, vicentino: «*Gil Terrón lletrudo estaa (...)*». O autor explica esta substituição de *-ado* por *-udo* por imitação dos mestres salmantinos:

«Lucas Fernández dit par exemple *enojudo* pour *enojado*: ya me tienes *enojudo* (...). Et ce sayaguisme, lui aussi, est d'origine dialectale, car les participes en *-udo* du type *venudo*, *perduto* sont fréquents dans les parlers espagnols de l'ouest»(2).

*

Quanto ao terceiro tipo de participios a ceder à evolução, a análise do *corpus*, exceptuando os foros de Castelo Rodrigo, revelou pela primeira vez em variação as formas do verbo *creer* na parte II da *Crónica de D. João I*: *creudo* ~ *crydos*, mas só no *Cancioneiro Geral* estes participios manifestarão, sem

(1) *Obras completas de Gil Vicente*. Nova edição revista. Coordenação do texto, introdução, notas e glossário por ÁLVARO JÚLIO DA COSTA PIMPÃO. Ilustrações, vinhetas e iluminuras por Mestre JOAQUIM LOPES. Porto (Livraria Civilização), 1979, p. 432.

(2) PAUL TEYSSIER, *La langue de Gil Vicente*. Paris (Klincksieck), 1959, p. 71.

excepção(1), as variantes de tipo moderno: *crido*(2), *lidas*(3), *tido*(4), *detido* e *provido*(5).

Não obstante, a variante participial arcaica do verbo *ter* e seus compostos ainda perdura no século XVI.

No *Boosco deleitoso*, impresso em 1515(6), encontra-se ainda a forma arcaica do verbo *ter*, e na *Estoria de Dom Nuno*

(1) Excluimos a forma (já) adjectival com valor depreciativo *sedeudo* (cf. *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, ed. atrás citada, vol. IV, p. 337, l. 19), que deverá ter resultado da cristalização de um participio passado de 3º tipo.

(2) No *Livro de Marco Paulo* (1505) apenas se mantêm arcaicas as formas do verbo *teer* e seus compostos, registando-se *creida* (2v. c. IV), do verbo *creer*. Cf. *O Livro de Marco Paulo – O Livro de Nicolao Veneto – Carta de Jeronimo de Santo Estevam*. Edição conforme a impressão de Valentim Fernandez, feita em Lisboa em 1502, com três facsímiles, introdução e índices por FRANCISCO MARIA ESTEVES PEREIRA. Lisboa, 1922 (Edição semi-paleográfica).

(3) Documenta-se, pela primeira vez, a forma *leido* em *Vidas e paixões dos Apóstolos*. Cf. BERNARDO DE BRIHUEGA, *Vidas e paixões dos Apóstolos (ms. alcobacense 280 da Biblioteca Nacional de Lisboa, confrontado com a edição de Lisboa, 1505)*. Edição de ISABEL VILARES CEPEDA. Textos medievais portugueses – I. Vol. I. Lisboa (Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa), 1982, p. 285.

(4) Data de 1513 a primeira forma com terminação moderna que encontrámos na documentação. Trata-se de uma carta de D. Manuel. Cf. PEDRO DE AZEVEDO, *Benzedores e feiticeiros do tempo d'el rei D. Manuel*. In: *Revista Lusitana*, vol. III, 1895, p. 332, doc. III, l. 4-5: «era tydo e obrigado».

(5) O participio de tipo moderno do verbo *proveer* documenta-se, na forma *proveido*, numa carta régia do cartulário relativo aos Estudos Gerais, copiado em 1471. Cf. *Livro Verde da Universidade de Coimbra*. Apresentação de MANUEL AUGUSTO RODRIGUES. Transcrição de MARIA TERESA NOBRE VELOSO. Coimbra (Arquivo da Universidade de Coimbra), 1992, p. 99, doc. 19 c. l. 5: *proveido*. O original é de 1385, mas é pouco provável que esta forma date desse ano, razão pela qual a situamos no ano da cópia do *Livro Verde*.

(6) O *Boosco deleitoso* (cf. *Boosco deleitoso*. Edição do texto de 1515, com introdução, anotações e glossário por AUGUSTO MAGNE. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura. Instituto Nacional do Livro, vol. I – Texto crítico, 1950) oferece ainda uma ocorrência de *-udo* precedida de dental: *confundido*, eventualmente da camada linguística da época da sua confecção; os restantes participios antigos pertencem aos seguintes verbos: *apremer*,

Alvarez Pereyra, cuja versão mais antiga que se conhece é de 1526, apesar de as formas *avudos* (1 v.) e *sabudo* (1 v.) concorrerem já com *avido* (1 v.) e *sabido* (2 v.), ainda sobrevivem os participios arcaicos de *teer* e seus compostos. Estes participios só começam, de facto, a aparecer em variação com a sua forma moderna na cópia, em estilo tabeliónico, do *Livro de José de Arimateia*(1), de meados do século XVI: *mamteuda, mâteudo ~ mantido, mâtidos; reteudo e teudos ~ tido(s), -a(s)*, 4 v.

Refira-se que este último participio oferece nesta obra uma particularidade interessante, nunca encontrada em textos anteriores: apenas se mantém arcaica a forma *teudos*, com o sentido 'obrigados moralmente a', que se manteve vigente, pelo menos até ao século XIX. Nos casos em que o participio de *ter* significa 'considerado', a terminação é sistematicamente *-ido*. Sempre modernas são, neste texto, as formas participiais de *crer* e *ler*, assim como os seus compostos: *crydos, descrido e lido*.

Em forma de síntese, o gráfico seguinte quantifica, em diversos géneros textuais e no eixo diacrónico(2), a mudança operada nos diversos grupos participiais já delimitados:

atrever, dever, perceber, saber, sofrer, temer e teer (e seus compostos), perfazendo um total de apenas 13 %, o que permite concluir que os participios antigos já soariam mal a um falante de inícios do século XVI.

(1) HENRY HARE CARTER, *The Portuguese Book of Joseph of Arimathea*. Paleographical Edition with Introduction, Linguistic Study, Notes, Plates & Glossary. Chapel Hill (The University of North Carolina Press), 1967.

(2) Estamos conscientes de que esta selecção de obras, que considerámos as mais representativas para cada século (excluindo, naturalmente, aquelas que obrigam a reservas decorrentes da sua tradição textual), poderá, de algum modo, escamotear a realidade linguística. De facto, o diassistema linguístico medieval engloba igualmente os falares dos camponeses, dos pastores, dos mesteirais e homens do mar, mas infelizmente são inexistentes as fontes que os poderiam reflectir! Como afirma William Labov, «Historical documents survive by chance, not by design, and the selection that is available is the product of an unpredictable series of historical accidents». In: WILLIAM LABOV, *Principles of Linguistic Change*. Volume 1: *Internal Factors*. Oxford (Blackwell Publishers), 1994, p. 11. Importa chamar a atenção para o facto de a data atribuída ao *Livro de José de Arimateia* ser a da cópia, atribuída a dez

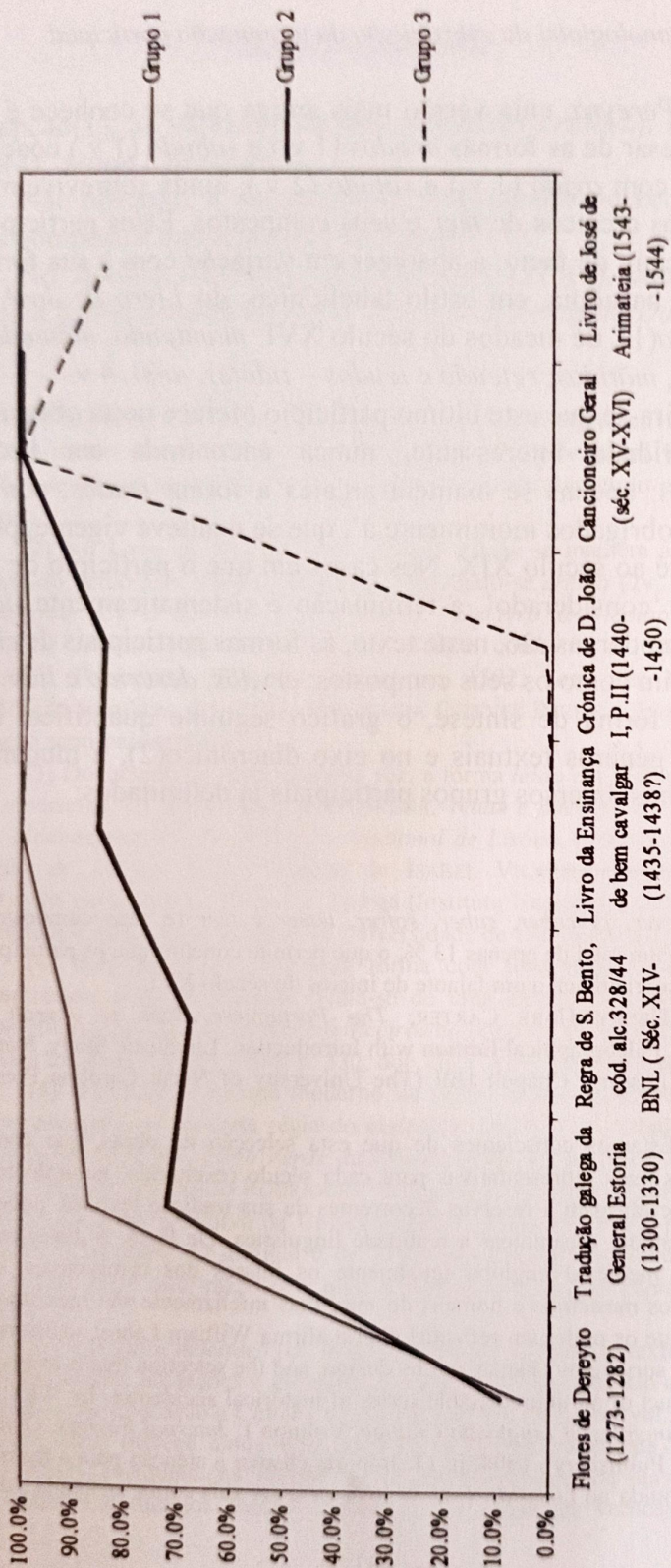


Gráfico nº 7 - Evolução das terminações em -ido nos três grupos participiais, do séc. XIII ao séc. XVI.

Um certo número de participios arcaicos recolhidos na documentação manteve-se até uma fase muito tardia, e alguns deles continuam a vigorar no português contemporâneo, tais como: *conteúdo*, *manteúdo*, *perleúdo* e *Temudo*, ainda que se tenha, naturalmente, perdido em todos eles o primitivo valor participial.

Na documentação analisada ao longo desta pesquisa nunca foi encontrada a forma *conteúdo* como substantivo; apenas registámos expressões do tipo: «todo o *cõtheudo* em», parafraseável por ‘tudo o que está contido em’, mas nunca «todo o *cõtheudo* de»(1). Refira-se, ainda, que, ao contrário do português, na língua castelhana o substantivo de *conter* não resistiu à evolução, sendo actualmente *contenido* e não *contenido*.

É interessante a análise da evolução semântica de *manteúdo*, que existe em português contemporâneo, quer como adjectivo: ‘mantido’, quer como nome: ‘animal robusto, que pode conservar-se muito tempo nesse estado’ (variedade do Sul do Brasil) ou, ainda, ‘casta de videira europeia’(2). O adjectivo

mãos e confeccionada «com pressa e em local abundante de copistas». Cf. IVO CASTRO, *Livro de José de Arimateia*. In: GIULIA LANCIANI e GIUSEPPE TAVANI (org. e coord.), *Dicionário de literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa (Editorial Caminho), 1993, p. 410. O original data, em princípio, de finais do séc. XIII ou inícios do séc. XIV. De qualquer forma, o seu estado linguístico no que concerne o fenómeno em estudo é demasiado moderno para deixar entrever algumas reminiscências do original.

(1) A alusão a *conteúdo* como substantivo documenta-se em 1813, no *Dicionário da língua portuguesa recopilado dos vocabularios impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado, e muito acrescentado*, de ANTÓNIO DE MORAIS E SILVA. Tomo primeiro (A-E). Lisboa (Tipografia Lacerdina), 1813, p. 457. Encontra-se aí a seguinte definição: ‘o que se contém em escritura, ou envoltorio, maço, caixa’. Seria, no entanto, necessário um estudo sistemático feito a partir de obras lexicográficas anteriores para se poder concluir com segurança sobre o momento em que a forma participial se nominalizou.

(2) ANTÓNIO MORAIS E SILVA, *Novo dicionário compacto da língua portuguesa*. Edição compacta do texto fundamental do *Grande dicionário da língua portuguesa*, segundo a 10ª edição revista, muito aumentada e actualizada conforme as regras do acordo ortográfico luso-brasileiro de 10 de Agosto de 1945, por AUGUSTO MORENO, CARDOSO JÚNIOR e J. PEDRO

perleúdo existe no português actual, com sentido depreciativo: 'muito lido, muito sabedor', e a forma *Temudo*, 'Temido', sobrevive como apelido. Por outro lado, em finais do século XIX a expressão estereotipada da linguagem jurídica «ter amiga *teúda* e *manteúda*», 'de sua mão, conservada e mantida à sua custa', ainda era usada «nas Leis e no Fôro»(1).

Como é sabido, este tipo de participípio mantém-se no francês e no italiano, ainda que com outra configuração.

Conclusões

A substituição da terminação participial arcaica *-udo* pela terminação *-ido* remonta a meados do século XIII, encontrando-se documentada, quer em fontes oriundas da Galiza (Lugo revela-se a província mais inovadora), quer em território português, e manifesta-se em todos os géneros textuais e em todo o tipo de verbos da 2ª conjugação. A proliferação de participípios modernos a partir de meados do século XIII atinge o seu apogeu nos Foros de Castelo Rodrigo, localidade pertencente ao antigo reino de Leão. A passagem de /u/ a /i/ em sílaba tónica foi um fenómeno relativamente célere; tratou-se, efectivamente, de uma simples substituição de fonemas que, por não provocar alterações fonético-morfológicas relevantes, se propagou rapidamente, quer na língua oral, quer na língua escrita.

Uma análise de conjunto do *corpus* analisado permite, contudo, distinguir, a partir de finais do século XIV, e em todos os géneros textuais, três grupos de verbos que apresentaram diferentes ritmos evolutivos nas suas terminações participiais,

MACHADO, aliviada de etimologia, formas verbais e abonações constituindo o maior repertório de vocábulos da língua falada e escrita em Portugal e no Brasil. Lisboa (Editorial Confluência), vol. III, 1992, p. 431, s. u. "manteúdo".

(1) ANTÓNIO MORAIS E SILVA, *Diccionario da lingua portugueza*. 8ª edição revista e melhorada. Lisboa (Empreza Literária Fluminense), 1889, vol. II (F-Z), p. 309 e p. 893, s. u. "manteúda" e "teúda".

decorrentes das afinidades combinatórias dos sons na cadeia falada:

Grupo 1 – Verbos cuja terminação participial está precedida de fonema alveolar (/s/, /z/, /r/), dental (/d/ e /t/) ou palatal (/ʃ/, /ʒ/, /l/): *conoscer, cozer, constranger, entender, encher, meter, mexer, requerer, tolher, vender, etc.*

No século XV as terminações das formas deste tipo são já, de um modo geral, em *-ido*, sendo que, quando precedidas de fricativa palatal sonora /ʒ/ ou das oclusivas dentais (/t/ e /d/), perduram ainda até meados desse século, apesar de já terem um nítido sabor arcaico. Importa referir que, em meios cultos, as formas arcaicas dos verbos deste tipo eram, muito provavelmente, já em meados deste século, sentidas como formas de marcar pejorativamente os falantes que as actualizavam. Delas se terá, eventualmente, servido Fernão Lopes para ridicularizar algumas personagens castelhanas, nas suas intervenções algo infelizes.

Mas só decorrido cerca de meio século Gil Vicente conseguiria mostrar pelo riso as assimetrias sociais provocadas pelo franco progresso económico-cultural da era de Quinhentos. Para esse riso do público muito contribuiriam as formas arcaicas utilizadas por camponeses: a forma *creçudo* provém, precisamente, da boca de uma mulher, que tenta justificar *ab absurdo* o comportamento (pouco digno) da sua filha.

Grupo 2 – Verbos cuja terminação participial está precedida de fonema fricativo labiodental (/f/ e /v/) ou bilabial, quer se trate de fonema contínuo, quer de fonema oclusivo (/m/, /p/ e /b/): *apremer, aver, dever, receber, romper, saber, sofrer, temer, etc.*

Quanto a este grupo participial, as formas em *-ido* levam de vencida as antigas, na prosa literária do 2º quartel do século XV, com excepção dos participios dos verbos *aver* e *saber*, que só começam a ceder (com mais celeridade o 2º) no 3º quartel do século XV, coabitando, em formulários diplomáticos, até ao fim do século com as antigas variantes. Um dos

melhores representantes dessa coabitação é o texto do *Tratado de Tordesilhas*, que apresenta em variação «*auídos e por auer*» e «*auudos e por auer*». É muito provável que caíssem em desuso nos finais desse século; de uma dessas formas se serviu Fernão da Silveira apenas para colmatar uma necessidade rimática.

Grupo 3 – Verbos com duas vogais em hiato, normalmente resultantes da síncope de consoante intervocálica: *creer*, *leer*, *teer*, *veer*, e seus compostos: *conteer*, *descreer*, *manteer*, *perleer*, *proveer*, etc.

No século XVI apenas persiste nos textos o participípio antigo do verbo *ter* (e seus compostos)(1), tudo levando a crer que, no segundo quartel, foi apenas com o sentido de “moralmente obrigado”, que permaneceu até ao século XIX na linguagem jurídica. Os outros participípios começaram a implementar as suas novas variantes, também a partir de meados do século, apesar de começarem por exhibir as formas intermédias, sem assimilação, *creida/-o*, *leida/-o* e *proveido*.

Face ao que foi exposto, parece importante concluir que, no que concerne a evolução de *-udo* para *-ido* e a sua propagação no tempo, estamos perante fenómenos de natureza diversa: os participípios de **tipo 1** não deixaram vestígios na língua de hoje, pois fixaram-se rapidamente na língua arcaica; os participípios de **tipo 2** e **3** deixaram marcas visíveis no português contemporâneo (cf. *Temudo*, *conteúdo*, *teúdo*, etc.), configurando, assim, um fenómeno de acentuada projecção diacrónica.

Coimbra

MARIA JOSÉ CARVALHO

(1) Segundo Paul Lloyd, no século XVII ainda se encontrava num texto espanhol a forma *deteudo*. Cf. PAUL LLOYD, *ob. cit.*, p. 368.

RESUMÉ

Le remplacement de la terminaison participiale archaïque *-udo* par la terminaison moderne *-ido* des verbes de la deuxième conjugaison (*perduto* > *perdido*; *temudo* > *temido*, etc.) a été désigné par les historiens de notre langue, comme un des phénomènes qui indiquent la fin du "portugais archaïque" et le début du "portugais moderne".

L'analyse effectuée dans le *corpus* médiéval restant (qui comprend de divers types de textes, situés entre le milieu du XIII^e siècle et le début du XIV^e siècle), a permis de distinguer trois groupes de participes qui présentent de différents rythmes d'évolution. En abordant la documentation médiévale d'une manière quantitative, nous visons établir les étapes chronologiques de ce phénomène de remplacement, sans cependant oublier le phénomène de la valorisation sociale portée sur les variantes en voie de disparition, c'est-à-dire, la conscience linguistique des locuteurs devant le procès de remplacement.

En dernier lieu, nous nous référerons très brièvement aux vestiges, dûs aux terminaisons *-udo*, *-a*, dans le portugais contemporain.

ABSTRACT

The replacement of the archaic participial ending *-udo* by the modern ending *-ido* in verbs of the second conjugation (*perduto* > *perdido*; *temudo* > *temido*, etc.) has been mentioned by historians of our language as one of the phenomena which signal the end of "medieval Portuguese" and the beginning of "modern Portuguese".

From the research we have undertaken in the extant medieval *corpus* (which includes several types of texts located between the middle of the XIIIth century and the early XVIth) it has been possible to distinguish three participial groups which showed different evolutionary rhythms. Through a quantitative approach to the medieval documentation, our aim is to set the chronological boundaries of this phenomenon of replacement, without forgetting the phenomenon of social evaluation of the variants which were falling into disuse, i. e., the speakers' linguistic awareness of this process of replacement.

Finally, we briefly allude to the marks which have remained from the endings *-udo*, *-a*, in contemporary Portuguese.